

FRIEDRICH RATZEL HOJE: A ALTERIDADE DE UMA GEOGRAFIA

Luciana de Lima Martins*

"Memória — que palavra grande, abrangente! Nela encontra-se não apenas a minha e a tua vida, mas tudo que, como História, descreve-se."

Friedrich Ratzel

APRESENTAÇÃO

Friedrich Ratzel. Um homem do final do século XIX. Mais precisamente, viveu de 1844 a 1904, na distante Alemanha que se unificava. Além de geógrafo, zoólogo, naturalista, etnógrafo, jornalista e historiador. Para muitos, um dos pais fundadores da geografia moderna, provedor dos fundamentos de um estudo sistemático comparativo da geografia humana. Para muitos, também, não há como dissociar seu nome do *determinismo ambiental*, bem como da estratégia imperial bismarckiana. Pertinentes ou não, tais correlações são herança de uma leitura de sua obra — não menos marcada histórica e culturalmente que a própria obra do mestre, não menos que este próprio trabalho.

A perspectiva de trabalho aqui almejada é a de desequilibrar. Visa a dois alvos precisos: o primeiro diz respeito à reflexão crítica sobre a possibilidade de se compreender o Outro, que se traduz em um problema hermenêutico geral, à medida que esse Outro distancia-se de quem fala no tempo, no espaço e, inclusive, no plano existencial. A intangibilidade concernente à alteridade temporal a torna merecedora de especial atenção; diversos juízos proferidos sobre o autor ressentem-se da falta dessa reflexão. O segundo trata de um diálogo interno à própria disciplina — a Geografia —, em que se procurará lançar alguns novos elementos que permitam repensar a obra de Ratzel ou, pelo menos, que possibilitem uma releitura complacente de seus escritos, dados o rigor e a seriedade de sua obra.

Através das várias interpretações do trabalho ratzeliano, constituiu-se, para este, um lugar na memória da Geografia. É esse lugar que será estudado, que será o documento-monumento, entendido no sentido que "o historiador Le Goff dá ao termo, ou seja, como o resultado de uma montagem,

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Este texto foi apresentado no Seminário "Tempo, Memória e História" ministrado pela professora Margarida de Souza Neves, na Universidade Federal Fluminense, e insere-se na pesquisa sobre a obra de Ratzel que venho desenvolvendo para Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio" ¹.

Não se trata, portanto, de fazer uma biografia do autor, mas de buscar o entendimento das seleções que foram feitas de sua obra e de se propor uma nova, consciente de que o olhar que será lançado, assim como os anteriores, não é asséptico, pois vê-se sempre, como afirma Soares², de algum lugar, situado em algum plano, sediado em alguma cultura. A obra de Ratzel será lida, assim, como ponto de interseção entre tempo individual e tempo social, ciente da dupla historicidade que esse empreendimento comporta: a do momento em que foi produzida, bem como a do momento presente, em que se escrevem essas palavras. Que se parta, agora, para o desenvolvimento das questões acima lançadas.

O PASSADO, ESSE ILUSTRE DESCONHECIDO

Muitas são as interrogações que se colocam a respeito da possibilidade de se obter entendimento, admitindo-se a alteridade temporal. O primeiro ponto relevante tange ao interesse que pode haver em se conhecer o passado. O segundo trata da impossibilidade de atingi-lo em sua plenitude, ponto intrinsecamente relacionado ao primeiro, uma vez poder ser questionada a relevância de uma reconstrução exata do que aconteceu (consciente de que, mesmo que fosse importante, a tarefa seria irrealizável). O terceiro e último ponto aqui levantado é uma questão: Como não sufocar o documento histórico com a problemática de quem o interpreta, nesse caso específico, como não negar a positividade dos escritos de Ratzel?

Mas cumpre-se ir por partes. O interesse pelo passado, segundo Finley³, não pode

ser interpretado de maneira absoluta. O próprio interesse deve ser definido e explicado, isto é, que parte do passado e em que proporção? O interesse, como o próprio nome o diz, não pode ser desinteressado. Deve ter um propósito, deve desempenhar uma atividade precisa. Pode-se estudar o passado didática e moralmente, para que sirva como exemplo de conduta do homem ou, então, para se direcionar uma ação política futura. No caso dos nacionalismos, por exemplo, a construção de um passado comum serviu (e serve ainda) para conferir coesão a uma determinada sociedade, adquirindo, assim, uma função sociopsicológica. Enfim, não há o interesse pelo passado, mas sim inúmeros e variados interesses que — admitindo-se o limite à liberdade de interpretação imposto pelo próprio objeto que está sendo interpretado — requerem diferentes abordagens e estudos, ou melhor, diferentes tipos de conhecimentos. Assim, o primeiro passo para que não haja maiores mal-entendidos na produção de quem se interessa pelo passado é explicitar esse interesse, situar-se. Trata-se de uma atitude de honestidade intelectual e, ao mesmo tempo, de humildade, ao reconhecer que o que faz com que alguém se debruce sobre um determinado documento possa não ser uma causa universal, mas contingente e bastante delimitada. Apesar disso, com a dedicação do bom artesão, poder-se-á produzir uma pequena peça a ser encaixada no infinito quebra-cabeça que constitui o universo de indagações que o homem, desde os tempos mais remotos, se faz, ao buscar aliviar sua angústia existencial.

Uma vez explicitado o tipo de conhecimento que se busca através do passado, cabe trazer à superfície a distância intransponível entre passado e presente. A imagem cunhada por Lowenthal, do passado como um país estrangeiro mas, diferentemente deste, geograficamente inatingível⁴, é bastante eficaz. São múltiplas as inquietações daí advindas: "Não podemos chegar a um completo entendimento do passado porque o passado é algo fora de nossa experiência, algo que é Outro... Os

¹ Le Goff, Jacques. *Documento/monumento*. Lisboa, v.1, 1986, p.103.

² Soares, Luiz Eduardo. *Hermenêutica e Ciências Humanas*. 1988, p.116.

³ Finley, Moses I. *Uso e Abuso da História*. São Paulo, 1989, p.16.

⁴ Lowenthal, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge, 1986, p. 187.

homens que então viveram eram diferentes de nós", conforme diz Vansina⁵, ou ainda, como questiona-se Pollard⁶, "Podemos realmente ser imparciais com os homens do passado, sabendo o que eles não poderiam saber? Podemos, realmente, entendê-los em sua completude... com nossas mentes impressionadas pelo conhecimento do resultado?"

A resposta que se advoga aqui é não. Não se pode ser imparcial com os homens do passado, muito menos atingir-se a completude desse passado. O que não impede que se possa compreendê-lo, apesar de todas essas limitações. "Mas compreender como", perguntariam os mais céticos, "já que meu objeto é, por vezes, fluido, por vezes cheio de arestas, com áreas de sombra, áreas nebulosas, e eu não consigo me desvincular de minha própria historicidade, de meus preconceitos, de meus prejuízos?"

Insiste-se, ainda assim, que a compreensão é possível. Para defender essa posição, contar-se-á com a ajuda de Todorov⁷, que elucida alguns nós dessa problemática. O autor coloca as diversas soluções formuladas para o problema hermenêutico geral não como concorrentes, mas como fases sucessivas de um único e mesmo ato, mesmo que esse movimento implique idas e vindas, ou ainda como aproximações progressivas na direção de um ideal imutável.

Seguindo esse raciocínio, então, a primeira fase da compreensão consiste na assimilação do Outro em si. Se sou historiador, por exemplo, no passado não encontro outra coisa senão a prefiguração do presente. Apesar da percepção da alteridade, essa não traz senão uma reprodução do mesmo em vários exemplos. O conhecimento, destarte, enriquece-se quantitativamente, e não qualitativamente, uma vez haver apenas uma única identidade, que é a minha.

A segunda fase da compreensão consiste em um retraimento do "Eu" frente ao Outro. "Sábio apaixonado pela fidelidade e pela exatidão", diz Todorov, "torno-me mais persa que os persas: aprendo sua história

e seu presente, habito-me a perceber o mundo através de seus olhos, reprimo toda manifestação de minha identidade original; ao descartar minha subjetividade, creio estar na objetividade". Dessa vez, novamente, não há senão uma identidade, mas é a do Outro.

Na terceira fase da compreensão reasumo minha identidade, mas agora tendo passado pelo esforço de entender o Outro em sua plenitude. O novo conhecimento vem através da aceitação da minha exterioridade temporal, espacial e cultural — "exotopia", no vocabulário de Todorov —, enriquecido, assim, por atributos qualitativos. Afirmar que toda interpretação é histórica, no sentido de que é determinada por minha localização espaço-temporal, não entra em contradição com a tentativa de se conhecer as coisas nelas mesmas — aspiração que, na perspectiva de Karl-Otto Apel⁸, deve ser abandonada, uma vez que as "coisas nelas mesmas" em princípio, não podem ser objetos da experiência possível —, mas é complementar. Distingo-me, portanto, do Outro. A unidade é substituída pela multiplicidade.

Na quarta fase da compreensão deparo-me com o fato de que o conhecimento do Outro depende da minha própria identidade. Mas esse conhecimento do Outro determina, por sua vez, meu conhecimento de mim mesmo. Convém frisar que não se trata de mera tautologia. Há, realmente, um movimento infinito — novo conhecimento do Outro, novo conhecimento de si, e assim por diante —, mas que não é indescritível. Se o movimento é infinito, tem uma direção precisa que visa a um ideal. Através da interação com o Outro, minhas categorias, meus preconceitos, transformam-se, de modo a se tornarem falantes pelos dois e, por que não, por terceiros também. "A universalidade que acreditava ter perdido", lembra Todorov, "reencontro-a em outro lugar: não no objeto, mas no projeto".

A diversidade é inerente à vida e as experiências humanas são infinitamente diversas. A existência de sentimentos intraduzíveis, de especificidades incomunicáveis não devem ser empecilhos para a

⁵ Vansina, *Oral Tradition*, p.185-186; apud. Lowenthal, op. cit., p.217.

⁶ Pollard A. F. apud. Lowenthal, id.

⁷ Todorov. Tzvetan. *Les Morales de L'histoire*. Paris, 1991, p.38-40.

⁸ Apel, Karl-Otto. *Understanding and Explanation*.1984. p.64.

comunicação, o entendimento, a compreensão. Como afirma Soares⁹, "valores não têm de ser subjetivos, arbitrários, irracionais, alheios a todo movimento cognitivo e reflexivo, o qual se aplicaria exclusivamente aos fatos — o real se esgotaria em sua facticidade. Valores podem ser objeto de justificação, persuasão e acordo. Os agentes sociais, quando não-coagidos por violência direta ou indireta, podem se entender quanto à superioridade e inferioridade de valores e sua adequação ou inadequação a circunstâncias específicas. Da dinâmica intersubjetiva dos processos dialógicos surgem argumentos mais ou menos fortes, mais ou menos vulneráveis à crítica, mais ou menos convincentes".

O que importa evidenciar aqui é que todo esse processo de compreensão não é natural, inato, mas sim resultado de um esforço volitivo de conhecimento, esforço este que comporta trabalho. Por vezes, o processo é sofrido, penoso, à medida que, defrontando-se com o Outro, a autocrítica torna-se inevitável. Para que se conheça, portanto, é preciso "abrir a guarda", estar disposto a pagar o preço que for necessário. Por outro lado, é nesse jogo que reside o encantamento de aprendizagem, a via de construção das possíveis pontes entre presente e passado.

DA GEOGRAFIA

Feitas as devidas considerações a respeito da possibilidade de se falar do passado, cumpre que se esclareça agora qual o interesse que há, para a geografia de hoje, em se estudar Ratzel. Que valor conservará sua obra após basicamente um século? Qual a função de se construir essa memória da geografia?

Pierre Nora interpreta o interesse de os próprios grupos redefinirem sua identidade pela revitalização de sua própria história, de cada um ser o historiador de si, como um dever de memória, à medida que esta, hoje, não existe mais enquanto prática so-

cial¹⁰. Assim, "no abalo dos saberes constituídos", diz o historiador, "cada disciplina atribuiu a si o dever de verificar seus fundamentos através do percurso retrospectivo de sua própria constituição". A pertinência ou não dessa interpretação — do fato de esse movimento retrospectivo ser fruto de um possível fim da história-memória — mereceria uma longa reflexão, mas que foge aos propósitos do presente trabalho. Interessa, sim, à medida que localiza esse movimento em um momento preciso da história, em que todas as disciplinas — e não apenas a geografia — buscam entender suas origens.

Nesse sentido, reler Ratzel hoje começa a tornar-se compreensível. Apesar da inquestionável importância como intelectual (que será explicitada adiante), a contribuição de sua obra para a geografia permanece ainda muito pouco explorada. Na verdade, até recentemente Ratzel era uma figura enigmática, esquecida. As razões desse silêncio relacionam-se a seus intérpretes que, após sua morte, não se preocuparam em distinguir o que era deles do que era de Ratzel. Ao selecionar as idéias do mestre, não foram capazes de evidenciar o interesse que informava a seleção realizada, fazendo com que se perpetrasse uma imagem equivocada de sua obra.

Foi assim com Miss Ellen Semple (1863-1932), que introduziu as idéias de Ratzel nos Estados Unidos, através de seu livro de divulgação *Influences of Geographic Environment*, cujo subtítulo é *Upon the Basis of Ratzel's Anthropogeography* (1911). Em Leipzig, a então estudante seguiu os cursos de Ratzel em 1891-1892 e em 1895. Nada prova, até agora, que Miss Semple tenha compreendido bem o alcance da grande viagem efetuada por Ratzel aos Estados Unidos em 1873-1875, nem que tenha verdadeiramente apreendido o conteúdo de sua *Völkerkunde* em três volumes (1885-1886-1888)¹¹. Não se cobra, ao se afirmar isso, que ela devesse compreender tudo, mas que tivesse deixado transparecer, em sua obra, as dúvidas que porventura as palavras do mestre lhe suscitassem.

⁹ Soares, op. cit. p. 2, nota 2; p. 117-118.

¹⁰ Nora, Pierre. *Les Lieux de mémoire*, Paris, 1984, p. XXVIII-XXIX.

¹¹ Sanguin, André-Louis. *En relizant Ratzel*. 1990; p.580-581 e Bassin, Mark. *Friedrich Ratzel, 1844-1904*. 1987, p.129.

Os geógrafos anglo-saxões, por contarem com o trabalho de Miss Semple, não se dispuseram a folhear os originais alemães da obra ratzeliana. A discípula traduziu também para o inglês apenas o primeiro volume da *Anthropogeographie* de Ratzel. Ao homenagear o mestre, empolgada com o potencial pragmático de sua obra, Miss Semple foi uma das responsáveis, provavelmente sem o querer, das distorções dos conceitos ratzelianos na geografia americana.

A difusão da obra ratzeliana na escola francesa não foi menos problemática. Fazia parte da estratégia epistemológica para a afirmação da geografia enquanto disciplina, na França, marcar uma posição nitidamente oposta à da escola alemã¹². Dessa forma, estigmatizou-se a pecha de determinista para Ratzel, em contraposição ao possibilismo de Vidal de la Blache, diferença consagrada a partir da obra de Lucien Febvre, *La Terre et l'Evolution Humaine*, de 1922.

Surpreende que essas idéias dicotômicas ainda estejam presentes na produção atual do pensamento geográfico. Na Espanha, por exemplo, como aponta Gómez¹³, Josefina Gómez Mendoza, Julio Muñoz Jiménez e Nicolás Ortega Cantero publicaram, em 1982, o livro *El pensamiento geográfico*, em que apresentam uma visão por demais esquemática da obra ratzeliana, claramente para enquadrá-la com seus objetivos finais, isto é, enaltecer a figura de Reclus.

Infelizmente a geografia no Brasil também aderiu a esses lugares-comuns. No livro *O que é Geografia*¹⁴, lê-se a seguinte generalização: " Assim, dirá Ratzel (sic), o homem, em todos os seus planos de existência, tanto mental como civilizatória, é o que determina seu meio natural (teoria do determinismo geográfico) ". Nem mesmo em trabalho exclusivamente dedicado ao

autor¹⁵ fuge-se à visão estigmatizada: " A sociedade passa a ser vista (segundo o que interpretaram de Ratzel) como elemento passivo, que apenas reage a uma causalidade que lhe é exterior. O homem torna-se, assim, efeito do ambiente "¹⁶.

Será que podem ser feitas afirmações tão peremptórias a respeito de Ratzel? Afinal de contas, fala-se de um intelectual que, ao deparar-se com o problema das condições geográficas e das conseqüências etnográficas das migrações, constata: " Não podemos fugir das influências precisas de nosso ambiente, principalmente das que atuam em nossos corpos; lembro as que se referem ao clima e à oferta de alimentos. É sabido que também o espírito encontra-se sob a influência dos caracteres gerais do cenário que nos cerca. Mas, por outro lado, o grau que essa influência desempenha vai depender, em grande medida, da força da vontade que a ela resista. Podemos nos defender dela, contanto que o queiramos. Um rio que, para um povo preguiçoso, constitui um limite, para um povo decidido pode não ser uma barreira.(...) não há coação nem nenhuma lei inflexível, mas sim amplos limites, dentro dos quais o homem consegue impor a sua vontade e até mesmo seu despotismo. E é isto precisamente que tanto dificulta todos os estudos sobre a relação entre história e ambiente natural, a ponto de podermos falar apenas de conclusões gerais especificadas. Pois há um fator nessa relação, nessa ligação, que não é precisamente calculável para cada caso isolado, porque é livre; trata-se da vontade humana"¹⁷.

Citou-se apenas um exemplo, mas que deixa vislumbrar a acuidade de Ratzel ao elaborar o problema, evitando as simplificações grosseiras que a memória de geografia imputou-lhe. Como se vê, a sociedade, para Ratzel, não é um elemento passivo. Dependendo das características de

¹²Escolar, Marcelo. *Un discurso legítimo sobre el territorio: geografía y ciencias sociales*. Buenos Aires, 1990, p.18.

¹³Gómez, Alberto Luis. *La geografía humana: De ciencia de los lugares a ciencia social ? Geocrítica*, 48. nov. 1983, p. 15.

¹⁴Moreira, Ruy. *O que é geografia*. São Paulo, 1989, p.32.

¹⁵Moraes, Antonio Carlos Robert. (org.). Ratzel. São Paulo, 1990, p.13.

¹⁶Juízos não muito diferentes encontram-se em Sodré (1989); Moraes (1984) e Andrade (1987). É curioso que a abrangência da obra de Ratzel, permeada de História e Etnografia, aborrece Sodré (p. 49-50), pois este encontra-se muito preocupado com a delimitação de campos científicos.

¹⁷Ratzel, Friedrich. *Über geographische Bedingungen und ethnographische Folgen der Völkerwanderungen*. 1906; p.36-37.

cada povo, a relação homem-meio vai se dar de modo diferente; há casos em que o meio é realmente determinante, mas há também casos em que o homem enfrenta e domina as dificuldades que o meio lhe impõe, superando-as. Ratzel está preocupado em entender os diversos casos, mas sabe da impossibilidade de se estabelecerem leis gerais quando é o homem o objeto de interesse do conhecimento.

O enfoque no Ratzel determinista, imerso no positivismo reinante, explica apenas em parte o preconceito dos geógrafos das gerações posteriores. Um outro elemento contribuiu fortemente para o desinteresse e até mesmo repulsa manifestados: a dimensão política da obra ratzeliana. Além de fundador da moderna geografia humana, Ratzel estabeleceu conjuntamente a geografia política como disciplina.

Zoólogo de origem, o professor alemão utilizou-se da obra evolucionista para explicar a relação existente entre a superfície terrestre e a história da humanidade. A passagem da teoria dos organismos para os fenômenos da vida humana na elaboração de sua obra aconteceu quase que naturalmente. Dentro do espírito ratzeliano, comparar o Estado a um organismo não significava assimilar um ao outro. Tratava-se apenas de indicar ser possível, tanto na geografia como na biologia, avançar na formulação de grandes construções explicativas. Ratzel acreditava que, assim procedendo, cientificamente, os geógrafos seriam capazes de elucidar a história¹⁸.

Ao criar uma leitura geográfica da história que enquadrava as formações políticas em um modelo das ciências naturais, Ratzel submeteu os fatos a um arcabouço extremamente simplificador. Apesar disso, não há como negar o mérito de ter organizado seu pensamento segundo uma forte coerência interna, correspondente ao rigor científico de que o geógrafo estava imbuído. Por outro lado, numa época em que a problemática geográfica fixava-se sobre o estudo das relações entre o homem e a natureza, é interessante constatar como as investidas ratze-

lianias procuraram compreender essas relações não somente sob o ângulo da mediação técnica ou econômica (trabalho, progresso), mas também, e sobretudo, levando em consideração a mediação política. Para Ratzel, há, na relação homem-natureza, uma dimensão política essencial que se atualiza através de instituições que são o Estado e a propriedade. O autor mostrou, na realidade, a impossibilidade de se pensar a geografia sem pensar geograficamente a propriedade do Estado¹⁹.

Mas a geografia política de Ratzel não encontrou eco na Universidade alemã, pelo menos até o término da Primeira Guerra Mundial. Uma vez ter o novo Estado burguês cristalizado o fundamento natural de seu poder e das relações que o regiam, não se fazia mais necessário o questionamento sobre esse tema. A geografia universitária desenvolveu-se, nesse contexto, como ciência do espaço terrestre enquanto entidade natural, distinta do discurso político²⁰.

Nos meios governamentais, por sua vez, o pensamento ratzeliano — devido a seu caráter conceitual e metodologicamente operativo — penetrou decisivamente, mas a título de ideologia. O conceito político de " espaço vital " *Lebensraum*, por exemplo, cunhado por Ratzel, interessou principalmente à geografia militar e colonial, cujo empenho na pesquisa do espaço geográfico evidenciou-se na política expansionista alemã na Europa Central, assim como na garantia das propriedades alemãs de além-mar.

As idéias políticas ratzelianas atraíram, dessa forma, a atenção de cientistas políticos, em especial a de Swede R. Kjellén, que, a partir delas, fundou uma nova disciplina, a geopolítica *Geopolitik*. Após 1918, através dos trabalhos de Karl Haushofer e de alguns outros, a geopolítica cresceu rapidamente na Alemanha como uma disciplina independente, baseada fundamentalmente na terminologia e nos conceitos ratzelianos. Foi mediado por Haushofer, por exemplo, que Adolf Hitler entrou em contato com a obra de Ratzel, proporcionando, assim, a transformação da teoria do espaço vital na obra de propaganda e pro-

¹⁸ Korinman, Michel. *Quand L'Allemagne pensait le monde. Saint-Amand-Montrond*, 1990, p.43.

¹⁹ Mercier, Guy. *Le concept de propriété dans la géographie politique de Friedrich Ratzel (1844-1904)*. 1990, p.611-612.

²⁰ Dematteis, Giuseppe. *Le metafore della Terra*. Milano, 1991, p.72.

grama nazista *Mein Kampf* ²¹. Durante a Segunda Guerra Mundial, tornou-se corrente que a geopolítica tinha uma grande responsabilidade na propagação das metas nazistas da agressiva expansão territorial. Após 1945, a condenação da geopolítica abarcou também a condenação da geografia política de Ratzel, resultando, segundo Bassin²², no tabu que perdurou efetivamente por várias décadas.

Apenas recentemente pesquisas vêm demonstrando que muitas dessas velhas idéias estavam equivocadas. Enquanto se pode afirmar que a geopolítica foi, em certa medida, um desenvolvimento posterior da geografia política de Ratzel, atualmente fica claro que divergia em significativos aspectos das intenções do geógrafo. Cabe lembrar o engajamento de Ratzel na política expansionista da potência alemã, atuando inclusive como fundador da Liga Pangermanista, que informou, sem dúvida, a elaboração de sua geografia política. Mas tal fato relaciona-se ao período anterior a 1914, que diferia fundamentalmente, tanto política quanto intelectualmente, dos anos de 1920 e 1930. Ler Ratzel inserindo-o na geopolítica alemã pós-1918 ou, pior ainda, nos planos belicistas nazistas, *seria incorrer em anacronismo e erro* ²³.

Como homem de seu tempo, a produção ratzeliana deixa transparecer a integração de fatos da modernidade, do novo modo de produção dominante já estabelecido — o capitalismo — e do rápido desenvolvimento da sociedade. Não haveria como negar seu "pertencimento" ao período que Hobsbawm ²⁴ denomina das "tradições inventadas", nos países ocidentais. Sua obra encontra-se profundamente marcada por essa exigência contingente, onde o que perpassa a diversidade dos temas abordados — paisagem, raça, história, Estado, educação, dentre outros — relaciona-se nitidamente com a necessidade de auferir uma identidade comum à nação que então se unificava.

Enfim, resta assinalar que muitas das fecundas idéias de Ratzel foram ignoradas ou atribuídas a outros autores, devido principalmente ao lugar que este acabou por ocupar na memória da geografia. Dentre elas, destacam-se: oposição à concepção racionalista do homem; papel importante desempenhado pela cultura e pela difusão cultural; análise da população e de seus movimentos; relevância dada à circulação *Verkehr* e à localização *Lage*; esforços para ultrapassar o fosso entre a ciência geográfica e as humanidades; contribuição à história da geografia; influência da geografia sobre as outras ciências sociais; e ensaios para formular leis do comportamento humano ²⁵. Não é pequena, portanto, a importância desse intelectual que, durante tanto tempo, ocupou um lugar à margem do desenvolvimento do pensamento geográfico. Como diz Sanguin ²⁶, "os mitos têm a vida dura, sobretudo quando servem de respostas fáceis aos desafios infortáveis". A geografia, reabilitando criticamente a obra ratzeliana, pode ter seu campo ampliado e enriquecido com as idéias do mestre.

DAS PÉROLAS E DOS COLARES

Halbwachs afirma ser a história, sem dúvida, "a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens" ²⁷. Acontece que, como lembra Todorov ²⁸, não há fatos, mas somente discursos sobre os fatos; conseqüentemente, não há a verdade do mundo, mas somente as interpretações do mundo. Assim, interpretar um acontecimento (uma obra, um pensamento) é, segundo o escritor, reconstituí-lo. Em outras palavras, selecionam-se certos elementos considerados relevantes, que são ordenados numa hierarquia temporal e lógica, suprindo-se

²¹ Kost, Klaus. *Die Einflüsse der Geopolitik auf Forschung und Theorie der politischen geographie von ihren anfangen bis 1945*, Bonn, 1988, p.236-237.

²² Bassin, op. cit.; p.129.

²³ Id. *Ibid.*

²⁴ Hobsbawm, Eric. J. e Ranger, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984; p.311.

²⁵ Sanguin, op. cit.; p.579.

²⁶ Id. *Ibid.*, p.592.

²⁷ Halbwachs, Maurice. *Memória Coletiva*. Rio de Janeiro, Forense, 1990; p.80.

²⁸ Todorov, op. cit.; p.130 e 186.

as conexões que faltam. Essa escolha e essa ordem são obra do intérprete, mesmo que este busque confirmá-las naquilo que se deixa observar. O passado que se reconstrói torna-se, assim, mais coerente que o passado quando aconteceu. Como na eloqüente metáfora de Lowenthal, " as pérolas da história tiram seu valor não somente por serem muitas e lustrosas, mas por serem arranjadas em uma seqüência narrativa causal; a narrativa empresta ao colar sentido, assim como beleza "²⁹.

Dessa forma, amplia-se a possibilidade de se montarem, com as mesmas pérolas, diferentes colares, não piores nem melhores, nem mais verdadeiros ou mais falsos. Se coerentes, a positividade de cada um se afirmará no decorrer de suas próprias histórias. O problema reside

quando um grupo que trabalha intensamente em conjunto decide que apenas um desses colares é precioso, descartando, por princípio, os demais.

Reler Ratzel hoje adquire, assim, conotação política dentro da disciplina. Não para se resgatar uma memória que se perdeu, mas para indicar que existem outros arranjos, além do consagrado, para as pérolas da história. Não para revelar o verdadeiro Ratzel, mas para, além de romper com a visão distorcida de seus conceitos, deixar que emergam um sem-número de dúvidas que inquietavam o geógrafo, sua religiosidade, seu questionamento filosófico. Talvez abra-se espaço, dessa forma, para redimensionar a obra do mestre dentro da geografia.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo, Atlas, 1987.
- APEL, Karl-Otto. *Understanding and Explanation*. Cambridge, MIT Press, 1984.
- BASSIN, Mark. " Friedrich Ratzel; 1844-1904 ". *Geographers: Biobibliographical Studies*, 1987, vol.11, p.123-132.
- DEMATTEIS, Giuseppe. *Le metafore della Terra; La geografia umana tra mito e scienza*. Milano, Feltrinelli, 1991.
- ESCOLAR, Marcelo. " *Un discurso 'legítimo' sobre el territorio: geografía y ciencias sociales* ". Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, 1990, (inédito).
- FINLEY, Moses I. *Uso e Abuso da História*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- GOMEZ, Alberto Luis. " La geografía humana; De ciencia de los lugares a ciencia social? ". *Geocritica*, 48, nov. 1983.
- HALBWACH, Maurice. *Memória Coletiva*. Rio de Janeiro, Forense, 1990.
- HOBSBAWM, Eric J. e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- KORINMAN, Michel. *Quand l'Allemagne pensait le monde; Grandeur et décadence d' une géopolitique*. Sait-Amand-Montrond, Fayard, 1990.
- KOST, Klaus. *Die Einflüsse der Geopolitik auf Forschung und Theorie der politischen Geographie von ihren Anfängen bis 1945*. Bonn, Ferd. Dümmlers Verlag, 1988.
- LE GOFF, Jacques. " Documento/monumento ". In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986, v.1.
- LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- MERCIER, Guy. " *Le concept de propriété dans la géographie politique de Friedrich Ratzel (1844-1904)* ". *Annales de Géographie*, n. 555, 1990, p.595-615.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. São Paulo, HUCITEC, 1984.
- _____. (org.). *Ratzel*. São Paulo, Atica, 1990.
- MOREIRA, Ruy. *O que é Geografia*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard, 1984.
- RATZEL, Friedrich. " Über geographische Bedingungen und ethnographische Folgen der Völkerwanderungen." In: Helmolt, Hans (org.), *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*, München, R. Oldenbourg, 1906, v.2., p.35-65.
- SANGUIN, André-Louis. " En relisant Ratzel ". *Annales de Géographie*, n.555, 1990, p.579-594.
- SOARES, Luiz Eduardo. " Hermenêutica e Ciências Humanas ". *Estudos Históricos*, n.1, p.100-142, 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Geografia: Geografia e ideologia*. Petrópolis, Vozes, 1989.
- TODOROV, Tzvetan. *Les morales de l'histoire*. Paris, Bernard Grasset, 1991.

²⁹Lowenthal, op. cit.; p.224.

RESUMO

Este trabalho focaliza a obra de Ratzel, geógrafo do final do século XIX, a partir da reflexão crítica sobre a possibilidade de se compreender um autor do século passado, bem como da revisão do lugar que sua obra acabou por ocupar na memória da Geografia por aqueles que se pouparam a essa reflexão. Ao expor a abrangência de temas com que o geógrafo se ocupou, o trabalho revela quão redutoras são as leituras que apenas relacionam Ratzel ao determinismo geográfico e à estratégia imperial bismarckiana.

ABSTRACT

This paper is concerned to the work of Ratzel, a geographer of the end of the XIX. Century, from a critical approach about the possibility to understand an author of the past century, as well from a review of the place that his work finally occupied in the geography's memoir. Considering the extension of the subjects that the Geographer had dealt with, this paper reveals how reducing are the readings that only relate Ratzel with the geographic determinism and with the bismarckian's imperialist strategy.